

19

BAHIA  
ROSS

35  
ANOS

# Triunfo da festa barroca na Corte de D. João V A troca das Princesas

JOSÉ MANUEL TEDIM

Pelo tratado de Utreque (1712-1715), o Portugal joanino tinha alcançado a paz com a vizinha Espanha. O contrato de casamento entre a infanta, filha da recém-chegada ao poder família de Bourbon, D. Mariana Victória, e o jovem rei de França, Luís XV, tinha sido, por este, rompido<sup>1</sup>.

Estes dois factores, aliados à vontade das cortes de Filipe V e de D. João V de firmarem uma forte aliança que proporcionasse uma paz definitiva entre os dois reinos ibéricos, levaram às negociações para se concretizar o duplo casamento entre uma infanta da casa real portuguesa e o futuro rei de Espanha e vice-versa, facto que passou à História como a *Troca das Princesas*.

As negociações entre ambas as partes iniciaram-se em 1725, tendo sido assinados os preliminares do tratado de casamento, em Madrid, pelos embaixadores plenipotenciários e extraordinários do rei de Portugal, António Guedes Pereira e José da Cunha Brochado, a 7 de Outubro de 1725.

Logo que esta notícia foi conhecida em Lisboa, a 9 de Outubro, o Rei fez publicar o seguinte decreto:

---

<sup>1</sup> No mês de Março de 1724, começou a correr pelas Cortes europeias o boato que o Marechal de Tessé recebera a missão secreta de desmanchar o casamento de Luis XV de França com a Infanta de Espanha, D. Mariana Vitória. A razão invocada para esta reviravolta nos compromissos, anteriormente assumidos, prendiam-se com o facto de se assegurar rapidamente um sucessor para o trono francês, o que obrigava a casar imediatamente o jovem monarca, portanto, não ficar aguardando o crescimento da, ainda menina, Infanta de Espanha, BEIRÃO, Caetano - *Cartas de D. Mariana Vitória para a sua família de Espanha*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1936, p. LI-LIX.

*...Havendo ajustado o casamento do Príncipe, sobre todos muito amado e prezado filho, com a Infanta D. Maria Ana Victória de Bourbon, e o Príncipe das Astúrias, filhos delRei Cathólico, meu bom irmão, e primo, com a Infanta D. Maria Bárbara, minha muito amada e prezada filha. E ser esta notícia de grande contentamento para todos meus vassallos, por mostrar o grande gosto destes matrimónios, hei, por bem, que nesta corte se celebrem com três dias de luminárias e salvas de artilharia, que hão de principiar amanhã. O Conselho o tenha assim entendido e, pela parte que lhe toca, o faça assim executar...<sup>2</sup>*

Nesses dias, foi grande o contentamento geral. Houve luminárias no Terreiro e serenatas no Paço.

Para se dar seguimento aos acordos e se chegar a uma versão definitiva do tratado, enviou, D. João V, à corte de Madrid o Marquez de Abrantes, D. Rodrigo Eannes de Sá Menezes e Almeida, onde chegou no dia 3 de Setembro de 1727. Filipe V, por sua vez, nomeou junto da corte portuguesa o Marquez de Balbazes, D. Carlos Ambrósio Espínola de Lacerda. As entradas dos dois embaixadores, em Madrid e Lisboa, constituíram dois importantes momentos da festa Barroca

Em Lisboa o Marquez de Balbazes, embaixador extraordinário e plenipotenciário de Filipe V de Espanha, fez a sua entrada pública, com grande pompa, nos dias 6 e 7 de Janeiro de 1728, sendo conduzido pelo Conde de Assumar. O préstito era formado pela nobreza e ministros, seguidos pelos Gentis-Homens do embaixador e três coches de estado, do rei, da Rainha e da Infanta D. Maria Bárbara e *...logo dois esguizarros, ou porteiros do embaixador, quatro Corredores e trinta e quatro homens de pé, todos vestidos de panno fino verde, bem guarnecidos de galões. Seguia-se o embaixador com o seu conductor em hum magnífico coche d'elRei, com seis pagens a cada lado, e logo o seu Estribeiro a cavallo, com o Estribeiro do Conde de Assumar. Depois todo o trem do mesmo ministro, que se compunha de duas liteiras, seis coches e quatro cavallos à destra e ultimamente a equipagem do Conde de Assumar, que constava de huma liteira, três coches com os seus Gentis-Homens e dezoito criados de libré de panno escarlata guarnecidas de galões de prata. Todo o trem do embaixador era magnífico e a libré rica e de bom gosto...<sup>3</sup>. Além disso trajava roupagens de preços avultados, *...porque não só os botões erão de diamantes, mas também as casas bordadas destas preciosas pedras...<sup>4</sup>**

<sup>2</sup> NATIVIDADE, Frei José da - *Fasto de Hymeneo ou História panegyrica dos desposórios dos fidelissimos Reys de Portugal, nossos senhores, D. Foseph I e D. Maria Anna Vitória de Bourbon*, Lisboa: Off. de Manoel Soares, 1752, p.10.

<sup>3</sup> CONCEIÇÃO, Frei Cláudio - *Gabinete Histórico*. Lisboa: Imprensa Régia, 1820. Vol. V, p. 312. Sobre esta entrada veja-se ainda *Relación, y verdadero romance, en que se declaran com individualidad los Reales desposorios, que en la Corte de Lisboa se celebraron com los Serenissimos Señores Príncipes de las Astúrias y Brasiles, com las Serenissimas Señoras Infantas de España y Portugal y de las solemnes fiestas, que por três dias se celebraron en obsequio de las Reales Nupcias. Compuesto por Rodrigo Fernández de Soto en este presente año de 1728*. Sevilla: Viuda de Francisco de Leefdael, 1728.

<sup>4</sup> CONCEIÇÃO - *Gabinete...* Vol. V, p. 313.

Os coches ostentavam ricas pinturas onde se punham em confronto as Virtudes com as imagens alegóricas da Ciência, da Riqueza, da Beleza, do Amor e da Guerra. Chegado este cortejo ao Paço foi recebido pelo casal real e pelo Secretário de Estado com quem acertou o calendário para os novos encontros e a assinatura do contrato matrimonial.

Em Madrid, o Marquez de Abrantes tinha feito a sua entrada pública no dia de Natal. A *Gazeta de Lisboa* informa-nos:

*...no dia seguinte (25 de Dezembro de 1727) pela manhã fez a sua entrada pública nesta cidade (Madrid) a cavallo o Marquez de Abrantes, Embaixador Extraordinário de Portugal, com huma luzida e numerosa comitiva, de sete coches muy ricos, hum estribeyro, doze gentishomens, doze pagens, dez ajudantes de câmara, sessenta e seis lacayos e cocheiros, cinco atabaleiros e dous correysos, todos vestidos de custosas e diferentes galas e librés. Vinha acompanhado do Marquez de Almodovar, Mordomo da casa delRey e do Conde de Villa-Franca, condutor de embaizadores (...). E, havendo chegado ao meio dia com todo este acompanhamento ao Palácio, teve audiência pública de suas Magestades, que o receberam com especial benignidade e agrado...<sup>5</sup>.*

## O triunfo da festa barroca

Ajustado o duplo consórcio, nos primeiros dias de Janeiro de 1728, dava-se início aos dias da festa, que, ao longo de mais de um ano, constituíram repetidos momentos de entusiasmo e entretenimento dos habitantes da urbe lisboeta.

O casamento por procuração, do Príncipe do Brasil e D. Mariana Victória aconteceu, em Madrid, em finais de Dezembro<sup>6</sup>, tendo chegado a notícia pelos inícios do mês seguinte. Logo, por decreto, o rei fez questão de informar o Senado da Câmara da feliz notícia e solicitar que se fizessem três noites de luminárias, acompanhadas de salvas de artilharia e da tradicional cerimónia do beija-mão<sup>7</sup>. No Terreiro do Paço fez-se arder um fogo de artifício, cuja estrutura cénica se concentrava na imagem do templo de Diana.

<sup>5</sup> *Gazeta de Lisboa*. Lisboa: 8 de Janeiro de 1728, Nº 2, p. 13-14.

<sup>6</sup> Sobre este consórcio refere NATIVIDADE - *Fasto de Himeneo*...p. 65, *...celebrarão-se, por procuração, que para isso havia mandado o Serenissimo Principe do Brazil a El-Rey Catholico, os seus Reaes desposorios com a Senhora Infanta D. Maria Anna Vitoria, na segunda oitava de tarde, no Salão grande do Paço. Concoreo a esta tão brilhante função, toda a Fidalguia, Grandes, Ministros, Cavalleiros e Senhoras. Lançou o Eminentissimo Patriarca das Indias, D. Carlos de Borja, a benção nupcial, e deo-se fim a esta acção com hum harmoniosissimo applauso, que se cantou em hum soberbissimo theatro (...). Na noite deste e dos dous dias seguintes se illuminou toda a Corte e houve no Terreiro do Paço (Madrid) muitos fogos de excellente artifício...*

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Eduardo Freire de - *Elementos para a Historia do Município de Lisboa*. Lisboa: Typografia Universal, 1892-1910. Vol. I, p. 142.

Estas noites repetir-se-iam, com outra pompa<sup>8</sup>, dias depois, quando, no dia 11 de Janeiro de 1728, em Lisboa, na Patriarcal, se consumasse o casamento de D. Maria Bárbara de Bragança com o Príncipe das Astúrias, D. Fernando de Bourbon.

Na altura montou-se no Terreiro do Paço uma complicada máquina de fogo, projectada por António Canevari,<sup>9</sup> bem à imagem das soluções seguidas nas festas das grandes capitais europeias, onde às engenhosas arquitecturas envolvidas por bosques, se acrescentou um bem elaborado programa pirotécnico.

Após esta manifestação celebrou-se o acontecimento no Paço com uma serenata em língua italiana composta expressamente para o momento por Doménico Scarlatti<sup>10</sup>. Por sua vez o Marquez de los Balbazes completou estes dias de fausto, de júbilo e entusiasmo com a organização de uma Zarzuela no seu palácio, intitulada *Amor aumenta el Valor*.

O contentamento do país foi uma constante. Por carta régia as cidades e vilas do reino e de todo o mundo português foram avisados do feliz acontecimento, o que provocou uma onda de manifestações de alegria. Ao bando<sup>11</sup> e pregão, pelo porteiro da Câmara,<sup>12</sup> se ficou a dever a divulgação da notícia e o anúncio das festividades. Senados das Câmaras, cabidos diocesanos, Bispos, etc. multiplicaram-se em acções de alegria.

## Ida ao Caia

Se à distância não se deixava de evocar e, enquanto súbditos, participar das alegrias da família reinante, tornava-se, agora, imperativo preparar a corte para a deslocação ao Caia, para aí realizar o cerimonial da *Troca das Princesas*. Esta viagem implicava meios e, acima de tudo, obrigava a uma cuidadosa organização. Todos se mobilizaram e contribuíram para a majestade do momento. A política de luxo e magnificência de D. João V preparava-se para atingir o seu auge.

---

<sup>8</sup> OLIVEIRA - *Elementos...* Vol. I, p. 145.

<sup>9</sup> NATIVIDADE - *Fasto do Himeneo...* p. 78.

<sup>10</sup> *Festeggio Armonico nel celebrarsi il Real Maritaggio de molto Alti e molto Poderosi Serenissimi Signori D. Fernando di Spagna Principe d'Asturia, e D. Maria Infanta di Portogallo, che Dio guardi, che si esegui nel Real Palazzo di S. Maestá. A di 11 di Gennaio del presente anno di 1728. Posto in Musica da Domenico Scarlatti, Regio compositore.* Lisboa Ocíd: Off. de Giuseppe Antonio di Sylva, 1728.

<sup>11</sup> O bando foi, muitas vezes, a forma de anunciar às populações as boas e más notícias que vinham da corte. Esta palavra não deve ser entendida com sentido prejurativo, pois esta manifestação pública revestia-se sempre de grande magnificência.

<sup>12</sup> Muitas vezes competia ao porteiro da Câmara anunciar às populações as decisões régias que tinham chegado através de carta do Secretário de Estado. Nelas se informava do sucedido ou a suceder e das iniciativas que se deviam, de imediato, tomar.

De Paris vieram quatro coches, feitos propositadamente para este fim, duas caleças e vinte e três berlindas, trinta selas de veludo, trinta telizes, uns bordados com as armas de D. João V e outros com as do príncipe do Brasil, duzentos, trinta reposteiros e vinte e quatro coberturas para galeras<sup>13</sup>.

Em Lisboa fabricaram-se coches para o rei, coches de respeito, coches estufa, com maior ou menor grandeza, para servir as camareiras-mores, damas, açafates e oficiais-mores. Mandaram-se executar imensas seges, doze carros matos cobertos, sete galeras, novecentos e oitenta e sete selas e muitos outros artefactos necessários à pompa que se avizinhava<sup>14</sup>. Preparou-se a viagem. A corte de Lisboa espriar-se-ia por aldeias, vilas e cidades do Alentejo. As populações eram informadas da passagem de tão ilustre préstito e preparavam-se para o receber conforme mandava a tradição e o cerimonial.

Encomendou-se, ao coronel J. da Silva Pais assistido pelo arquitecto Custódio Vieira (c.1690-1744?)<sup>15</sup>, um Palácio que havia de ser construído, em tempo record, no sítio de Vendas Novas.

Concertaram-se as ruas entre Aldeia Galega e Montemor-o-Nov. Tudo tinha sido pensado. O monarca rodeara-se de artistas de craveira e de alguns assessores que, atentamente, não permitiriam que nada falhasse.

Terminados os preparativos, acordados os tempos de viagem de ambas as partes, determinou-se o mês de Janeiro de 1729 como o mês da partida das respectivas cortes de Lisboa e Madrid<sup>16</sup>.

Assim, no dia 8 desse mês, saiu de Lisboa,<sup>17</sup> em direcção ao Caia, o cortejo real, seguido, dias depois, pelos séquitos da Rainha e do Patriarca, D. Tomás de Almeida. Ao longo do percurso os três cortejos seguiram o mesmo itinerário. Embarcaram, no bergantim real, junto ao Terreiro do Paço, iniciando o percurso fluvial destas longas jornadas, em direcção à outra margem.

No dia seguinte, depois de ouvirem missa na igreja da Atalaia, dirigiram-se para Pegões, onde se tinha levantado uma estrutura efémera, em madeira e velas de navio. Aí fizeram a primeira paragem para descanso e aproveitaram para tomar uma breve refeição, previamente preparada para o efeito. Daqui encaminharam-se para Vendas Novas, onde passaram a noite e se abrigaram dos rigores do Inverno.

Depois de terem admirado a majestade do novo palácio, o cortejo real deu início à jornada de Évora, passando e entrando triunfantemente na vila alentejana de Montemor-o-Novo, onde o monarca se

<sup>13</sup> BARBOSA, Inácio Vilhena - Luxo e Magnificência da Corte del-Rei D. João V. In *Archivo Pitoresco*. Lisboa: Typografia Castro Irmão, 1868. Vol. 11, p.40.

<sup>14</sup> BARBOSA - Luxo e Magnificência... *Archivo Pitoresco*. Vol. 11, p. 40.

<sup>15</sup> FERRÃO, Leonor - Vieira, Custódio. PEREIRA, José Fernandes, Dir. de - *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 522.

<sup>16</sup> SOUSA, D. António Caetano de - *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*... Lisboa: Off. Sylva e da Academia Real, 1741. Tomo VIII, p. 154.

<sup>17</sup> A comitiva de Filipe V saiu de Madrid no dia sete de Janeiro de 1729 para Casarrubias e daqui para Badajoz por Torrijos, Talavera de la Reina, Oropesa, Naval Moral, Jaraicejo, Villemesía, Medellín e Arroyo de San Serván.

prostrou diante da imagem de São João de Deus na igreja que aí existe da sua devoção. Seguindo viagem chegaram a Évora onde se instalaram e aguardaram a entrada do séquito da Rainha para puderem avançar para Vila Viçosa. De Vila Viçosa saíram para Elvas, pela estrada de Borba, e aí se instalaram no Paço do Bispo e esperaram indicações para se deslocarem ao Palácio erguido sobre o rio Caia, na fronteira luso-espanhola, para a Troca das Princesas.

Em todas as localidades por onde passaram as reais comitivas, sempre encontraram as ruas engalanadas com artefactos efémeros, arcos de Triunfo, fontes, falsos e aparatosos jardins, etc., mandados executar pelos senados das Câmaras e com o encargo de os construir os seus mesteiros.

Em Elvas, embora todos os olhares se tenham concentrado na excepcional presença do Rei e de todo o seu séquito, a arte efémera foi chamada a transformar o percurso urbano da festa em recinto pedagógico e magnífico.

A arquitectura da cidade ao receber os respectivos engalanamentos transformava-se em espaço enobrecido, ao qual eram acrescentados outros encantamentos que, embora feitos expressamente para aquele momento, davam à cidade um sentido simbólico. Esta carga catequética, onde a relação poder/súbditos está constantemente bem evidenciada, devemos procurá-la por entre os programas elaborados para cada uma das estruturas efémeras levantadas ao longo do percurso real, na sua entrada ou entradas em Elvas, desde a Porta de Olivença até à Sé Catedral.

A primeira intervenção deu-se no enriquecimento da Porta de Olivença. O primeiro lanço desta porta foi ricamente ornamentado com pano de veludo, sedas e damascos ...*formando a arte na mesma variedade hum fermozo labirintho para a vista e huma singular delícia para o gosto...*<sup>18</sup>. Na fachada do segundo lanço, rematando o arco da porta, colocou-se uma tarja com as armas de Portugal ladeadas por duas figuras que ostentavam, cada uma, o seu ramo de oliveira numa alusão à paz que reinava entre os povos peninsulares.

A meio da rua de Olivença, um pouco acima das portas do mesmo nome, levantou-se um soberbo arco de triunfo, cuja iconografia pretendia aludir ao triunfo de Elvas, cidade militar, que, entusiástica-

<sup>18</sup> *Triunfo Elvecio extracto triunfal Diaria Relação do solemne, augusto e memoravel aplauzo com que a Magestade augusta de ElRey nosso senhor, o sempre maximo e augusto sempre D. Joam V celebrou os felices desposorios dos Serenissimos Principes seus filhos em a cidade de Elvas o dia 19 de Janeiro de 1729 com os soberanos Principes de Hespanha filhos das Magestades Catholicas, com a individual noticia de toda a regia operasão dos nossos soberanos Monarcas. Escrita para mayor memoria de tam soberana thea pello dictame da mais submissa penna, em que se tem de presumida a mais extremoza vontade, com que bastarda aguia pertende pôr em publico este superior vôo, donde as azas de hun ardente affecto fizeram remontar o seu desvanes cimento nam para mostrar nelle o que senão alcança mas sim para por em publico teatro o que he justo que todo o mundo admire. Offerecida, pella lealdade mais humilde do vassalo mais reverente à soberania exselsa da mais suprema Magestade, como obsquiozo parto de huma affectuoza Minerva com que a tam soberanas perantas (sic), para coroa de tam singular triumpho. B.M.E. – Ms, V – 159. p. 80-86.*

mente, se via transformada em centro de atenção de tudo e de todos. O Paço da Ribeira tinha-se transferido para o palácio do Bispo Elvécio.

Rematava esta máquina a figura dum Leão, simbolizando a relação entre a custódia e o poder, duas características de Elvas, cidade fronteiriça com função defensiva e militar, aqui representada na forma de Ninfa. As figuras de Marte, Diana, Belona e Mavorte, que rematavam a cimalha do arco, ladeadas das imagens alegóricas da Fortaleza, do Trabalho, da Amizade e do Suplício, completavam o programa iconográfico cuja temática valorizava o diálogo entre a paz e a guerra.

...*Em distancia de 300 passos, que hé o que mais se dilatava, na rua da Carreira, estava fabricada em segunda idea, o segundo pórtico tiunphal, sendo mais castro pela obra, mais avantajado pello sítio, que era huma muito espasozza rua, em cujo meio esta porta se formava...*,<sup>19</sup> todo ele dedicado ao Triunfo de Portugal. Rematado pela figura duma Águia, fitando o sol, símbolo de Portugal, abaixo da qual a figura da Fama, com a sua trombeta dourada apregoava ao mundo a glória dos dias que então se viviam, mundo que aqui aparecia representado nas imagens da Europa, Ásia, América e África. A cada uma delas se correspondia uma alegoria - a Fé, a Constância, a Justiça e a Piedade.

Na rua do Juiz de Fora, junto à passagem para a Praça, o arco aí colocado fazia alusão ao Triunfo do Amor<sup>20</sup>.

Com esta disposição, entrada da cidade, meio do percurso e seu fim, e um programa iconográfico bem delineado, conseguiu-se transmitir as três questões principais que ali estavam em confronto. Ao *Triunfo de Elvas* (cidade transformada em Corte), segue-se o *Triunfo de Portugal* (atingia-se uma paz que se pretendia duradoira entre os dois estados ibéricos), tudo alcançado pelo *Triunfo do Amor* (pois com este real consórcio se instituí a continuidade do poder e a união entre quatro grandes Casas Reais-europeias - a dos Braganças e dos Austrias e a de Bourbon e Farnésio).

## Troca das Princesas no Caia

Negociados e preparados os encontros entre as famílias reais de Espanha e Portugal, acordou-se que a *Troca das Princesas* se faria no dia dezanove do mesmo mês e ano, no palácio, de madeira, construído sobre uma ponte, que tinha sido levantada especificamente para este acto.

Esta construção efémera, da autoria do sargento-mor e engenheiro militar da praça de Setúbal, Francisco Pereira da Fonseca, com a colaboração de António Canevari e João Frederico Ludovice, pelo lado português, e dos engenheiros militares, Filipe Crame e Juan Frenchqueson, pelo espanhol, consistia

<sup>19</sup> *Triunfo Elvécio...* p. 85.

<sup>20</sup> O mau estado de conservação do documento, *Triunfo Elvécio...*, impede-nos a leitura iconográfica deste arco de triunfo.



Troça das Princesas no Caia. 1729. Gravura.

num pequeno edifício de planta quadrada, com um salão central e duas salas, uma de cada lado, para as famílias reais. Pelo facto dos seus autores terem uma forte formação militar propuseram um palácio de fachadas de *...diseño bien medido y de sobrio clasicismo...*<sup>21</sup>. À austeridade arquitectónica acrescentou-se um programa ornamental, onde imperava o fingimento.

A escultura aliou-se à pintura para o enriquecimento deste cenário efémero. No exterior as figuras da Fama rematando o edifício apregoavam às quatro partes do mundo os tempos de glória que ali se viviam, enquanto que as Armas de Portugal e de Espanha identificavam cada uma dos salões. No interior, ao fingimento dos azulejos que revestiam as paredes, ilustrou-se o tecto da sala central com imagens alegóricas alusivas às figuras de Flora, de Aurora e de Diana.

O séquito português constituído por uma imensidão de coches, soldados de cavalaria, trombeteiros e muito outro aparato, chegou à fronteira do Caia ao mesmo tempo que de Badajoz chegava o cortejo real de Filipe V de Espanha. Depois de breves instantes de repouso na sala que tinha sido preparada no Palácio ponte, as duas famílias, também ao mesmo tempo, entraram no salão nobre para que se desse a cerimónia da Troca das Princesas. A comitiva real portuguesa constituída pelo casal régio, os seus filhos, o Príncipe do Brasil, a Infanta D. Maria Bárbara e D. Pedro e os irmãos do monarca, os Infantes D. Francisco e D. António tomaram o lugar que a eles tinham destinado, enquanto Filipe V e sua mulher, a Rainha Isabel Farnésio, acompanhados pelo Príncipe das Astúrias, D. Fernando, pelo Infante D. Carlos e pelo Infante D. Filipe, faziam o mesmo. Seguiram-se as saudações mútuas, sem ultrapassarem a linha divisória dos dois países, dando-se, de imediato, início à cerimónia. Acabadas as formalidades com a assinatura, pelos respectivos monarcas, do contrato nupcial, continuou-se com o cerimonial do beija-mão e a troca das novas camareiras-mores das princesas, tendo tudo terminado com um concerto em que tocaram e cantaram os músicos de ambas as partes.

Realizada a troca das princesas, ao som das salvas de artilharia dadas pelas tropas portuguesas e espanholas aí estacionadas, depois de sentidas despedidas,<sup>22</sup> formaram-se dois excelentes préstitos que se

<sup>21</sup> BONET CORREA, Antonio – *Fiesta, poder y arquitectura*. Madrid: Akal/Arte e Estética, 1990. p. 33.

<sup>22</sup> BARBOSA - *Luxo e Magnificencia...*p. 96, descreve desta forma as despedidas: *...De parte a parte foram afectuosas as despedidas dos paes das noivas; mas na esposa del-rei D. João V e na princeza, sua filha, produziram effeitos que sensibilisaram a todos os circunstantes. Já todas as mais pessoas reaes tinham acabado as suas despedidas e a rainha D. Maria Anna d'Austria e a princeza D. Maria Barbara, beijando-se com a maior effusão de ternura, soluçando e banhando-se reciprocamente de lagrimas, apertavam-se em tão estreito o saudoso abraço, como se n'elle dessem o derradeiro adeus da vida. Surdas a todos os rogos e esquecidas de todas as prescrições da etiqueta, foi mister, para que tivesse fim esta scena dolorissima, que el-rei, seu pae, metendo-se de permeio, as separasse, levando pelo braço, quasi à força, a esposa, enquanto sua filha era conduzida, pode dizer-se, furtivamente pela rainha de Hespanha, sua sogra, e com tanto arrebatamento que a não deixou despedir-se del-rei, seu pae, nem das outras pessoas de sua familia...*

dirigiram respectivamente para Elvas e Badajoz, por entre o brado de muitas gentes que se apinhava ao longo do percurso<sup>23</sup>.

A família real portuguesa entrou em Elvas pela porta de Olivença, toda ela ricamente ornamentada, onde foi recebida pelo Senado da Câmara, que cumpriu o cerimonial da entrega das chaves à jovem Princesa do Brasil, e, de imediato, se encaminhou, por entre grandioso luzimento, pela rua de Olivença, rua da Carreira, rua da Cadeia, rua dos Pessanhas, Arco do Bispo, Terreiro do Bispo, rua do Juiz de Fora e Praça até à Sé Catedral, repetindo o percurso que se tinha destinado para a primeira entrada do monarca e sua família.

Aí eram esperados pelo Senado da Câmara, pelo Patriarca de Lisboa, uma parte do Colégio patriarcal e pelo Cabido da Sé de Elvas, que acompanharam as pessoas reais até à capela-mor, onde decorreram as bênçãos nupciais ao jovem casal e se cantou o *Te Deum Laudamus*.

Após as manifestações oficiais, a comitiva participou numa opípara ceia e foi presenciar um magnífico fogo de artifício que o Senado tinha preparado em lugar que não pusesse a segurança das pessoas em perigo.<sup>24</sup> Terminou este grande dia festivo com uma serenata no Paço, à qual assistiram as pessoas reais e muitos dos ilustres que acompanharam a corte ao Caia.

Os dias seguintes ocuparam-se com uma série de rituais próprios destas situações. As duas Cortes voltaram a encontrar-se sem as formalidades que presidiram à cerimónia da Troca das Princesas. Os membros da Casa Real, aqui presentes, e parte da comitiva recrearam-se numa caçada que se organizou em Vila Boim para divertimento da Princesa do Brasil. Durante os dias que a Corte aqui permaneceu o Senado da Câmara continuou com as noites de luminárias, fogos de artifício, enquanto no Paço se organizavam banquetes e noites de serenata. Foram dias de glória para esta cidade alentejana.

No dia 27 de Janeiro, o deslumbramento que Elvas viveu durante alguns dias, teve o seu fim. A corte deixou o Paço Episcopal, então Paço Real, e lançou-se a caminho, de regresso à capital, enquanto o séquito de Filipe V se dirigia a Sevilha, onde se tinham preparado grandiosas festas para a entrada pública deste Monarca e dos jovens noivos e onde irá permanecer durante cerca de três anos<sup>25</sup>.

<sup>23</sup> BARBOSA - *Luxo e Magnificencia...*p. 106.

<sup>24</sup> BARBOSA - *Luxo e Magnificencia...*p. 107.

<sup>25</sup> Veja-se PIZARRO GOMEZ, Fro. Javier - Doña Bárbara de Braganza y el fausto cortesano en las fiestas reales. In *Portugal e a Espanha entre a Europa e Além-mão*. Actas do IV Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte. Coimbra: Instituto de História da Arte, 1988. p. 67-85.

## Entrada triunfal em Lisboa

Era o dia 12 de Fevereiro de 1729, quando, no Montijo, se iniciou o cerimonial da entrada em Lisboa. Daí saiu o Bergantim real, *...cuja talha era do mais excellente artificio, e que se havia feito para esta função...*,<sup>26</sup> com grande e luzido acompanhamento.

Sobre este acontecimento diz-nos Manuel Coelho da Graça, autor dum outro curioso relato:

*... Tanto que o real bergantim se avistou no Tejo, se desfez o mar em tormentosa salva de artilharia, que envolta com alegre sonido de sonoros clarins, trombetas e atabales, intimava hum harmonioso e real applauso. Respondia a este júbilo o Castelo de S. Jorge, que está no mais alto do terceiro monte desta corte, e mais fortes e rebelins, que formão fortaleza a esta cidade pela parte da marinha. Acompanhavam a este real bergantim innumeráveis embarcações, todas embandeiradas e cheas se estandartes, flâmulas e galhardetes, que hião fazendo hum vistozo obséquio, coroados assim barcos como escaleres de pessoas luzidissimas...*<sup>27</sup>.

Por carta ao escrivão do Senado da Câmara, D. Diogo Mendonça Corte Real informou que a função da entrada régia em Lisboa, acompanhando os Príncipes do Brasil, *...se havia de fazer na mesma forma que se fizera quando a Rainha, D. Maria Isabel de Saboya, fez a entrada de Alcântara, excepto só que os arcos que principiavam às portas de Santa Catharina, haviam de começar agora no Largo do convento da Esperança, e, que, se o Senado então esteve nas ditas portas de Santa Catharina e ahí fez a fala, o mesmo devia agora praticar à Esperança, e, acabada a fala, fazer o mesmo que praticou naquella referida função...*<sup>28</sup>.

Porque o desembarque se havia decidido vir a acontecer em Belém, alargando-se o percurso do cortejo real, em *...huma das muitas casas reaes de jardins e de campo, em que abundam aquelle sitio ... e que fora do Conde de S. Lourenço, aí se fez erguer uma ponte, que depois de haver servido ao alto fim a que se destinara, foi desbaratada logo no outro dia, em que se levantou no Tejo hum furiosissimo temporal...*<sup>29</sup>, qual cais monumental de chegada.

<sup>26</sup> NATIVIDADE - *Fasto de Hymeneo*...p. 313.

<sup>27</sup> GRAÇA, Manuel Coelho - *Breve notícia das entradas que por mar e por terra fizeram nesta corte suas Magestades com os serenissimos Príncipes do Brasil e Altezas, que Deos guarde, em 12 de Fevereiro de 1729*. Lisboa Ocid.: Off. de Bernardo da Costa, 1729. p. 4.

<sup>28</sup> OLIVEIRA - *Elementos*... Vol. XII, p. 212-215.

<sup>29</sup> NATIVIDADE - *Fasto de Hymeneo*...p. 316.

Enquadrada pelo fingimento dum rochedo nela se podia ver um arco de triunfo, executado a expensas dos pintores e carpinteiros<sup>30</sup>, coroado com as figuras da Liberdade, a Fortuna e a Fama. Uma varanda, decorada com vasos floridos, rematada por uma cúpula, assente sobre quatro colunas, com a representação do Sol no seu intradorso, e sobrepujada pelas imagens da Fortuna e das quatro partes do mundo, completava o aparato efêmero sugerido para este desembarque<sup>31</sup>.

Desta construção conhecemos duas imagens que, dum forma muito sumária, nos mostram alguns pormenores da sua elaboração e do programa arquitectónico então sugerido. Uma dessas imagens serve de rosto à obra que em verso a evoca e descreve. A outra é-nos mostrada pelo autor dos azulejos que enchem as paredes laterais do claustro da Ordem Terceira de S. Francisco em Salvador da Baía, obra executada algum tempo depois destas festas, possivelmente a partir dos esboços que delas tinha feito o jovem Quillard.

Imagens alegóricas, entre elas a Fortuna que tentava encravar a sua roda do tempo de modo que este se detivesse num dia tão *feliz e singular*, dão a esta monumental obra efêmera a primeira sugestão do carácter simbólico que iremos ver desenvolvido ao longo do cortejo que se iniciaria, depois de justificado repouso e refrescante bebida nos salões do palácio de São Lourenço, junto ao largo da Esperança, em frente ao convento que lhe dá o nome.

Aí, o vereador mais velho, Doutor Jorge Freire de Andrade, proferiu a oração de boas vindas, fez-se a entrega das chaves da cidade à Princesa do Brasil, conforme mandavam as regras do cerimonial das entradas, e logo foram convidados a darem início ao préstito, que seguiria o itinerário urbano, previamente estabelecido, até ao Terreiro do Paço e Patriarcal.

Enfim, o poder renovava, ou melhor restaurava, o compromisso com os seus súbditos. Viviam-se tempos de glória. As armadas chegavam com as riquezas das possessões ultramarinas, nomeadamente o ouro de *todalas Minas*. Portugal afirmava-se na Europa política e católica. A Espanha assumia a legitimidade dos Braganças no trono português. O *pater patriae* apresentava-se perante o Estado, como o *sol* português.

## O Forum do poder

A capital, centro gerador do poder e donde ele emana<sup>32</sup>, tinha-se preparado, engalanando-se, para receber esses tempos de entusiasmo. Magnificência e esplendor foram as duas principais preocupações do monarca desde o momento em que se pensou nesta efeméride. Em carta enviada ao Senado da Câmara de Lisboa, em 3 de Dezembro de 1728, o Secretário de Estado, D. Diogo Mendonça Corte Real, afirmava:

<sup>30</sup> NATIVIDADE - *Fasto de Hymeneo*...p. 316.

<sup>31</sup> NATIVIDADE - *Fasto de Hymeneo*...p. 316.

<sup>32</sup> GOUVEIA. António Camões – Estratégias de interiorização da disciplina. In Matoso, José (Dir. de) – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. Vol. IV, p. 415.

*...Sua Magestade me ordena avise Vossa mercê que, logo, sem demora, os senados mandem fazer os arcos que é estylo nas entradas dos reys e príncipes, nos trânsitos que já declarei a Vossa mercê e com todas as circunstâncias que lhe comuniquei. E os mesmos senados passarão ordens necessárias, não só para os officiaes mechânicos que os costumam fazer, mas também aos consules das nações...*<sup>33</sup>.

No percurso alargado a Belém e ao Largo do Convento da Esperança, como já se disse, serão colocados vinte, segundo uns, e vinte e quatro, segundo outros, arcos de triunfo, da responsabilidade dos mestres e nações estrangeiras radicadas em Lisboa, que o carpinteiro José Martins<sup>34</sup> fará distribuir ao longo do traçado estabelecido, até à Patriarcal.

Assim, o préstito seguirá do Largo da Esperança pela Calçada do Combro, rua Direita do Loreto, rua larga das portas de Santa Catarina, Chiado, rua nova do Almada, rua nova dos Ferros, Praça do Pelourinho, Terreiro do Paço e terminará na Patriarcal<sup>35</sup>.

Ao longo deste percurso são colocados vários artefactos efémeros, com destaque para o arco de Triunfo. Assim, à Cruz da Esperança os ingleses residentes na cidade fizeram erguer o seu arco, enquanto ao Poço dos Negros se instalou o dos moedeiros. Os correiros, seleiros, serradores e curtidores foram os responsáveis pelo arco que se colocou junto à Rua das Gaivotas. Junto ao Poço Novo colocou-se a bandeira de São Miguel, aos Paulistas a bandeira dos toscadores, dos carpinteiros de coches, dos salteiros e dos vidraceiros e ao Monteiro-mor o arco dos Holandeses. Junto ao Calhariz instalou-se a bandeira dos sapateiros e ao Conde de Santiago o arco dos esparteiros, dos cordoeiros, dos albardeiros e oleiros. Os italianos residentes ergueram o seu arco junto à sua igreja do Loreto, enquanto o dos pintores e cabeleireiros era instalado junto à Rua da Ametade. Ao cimo do Chiado estava a bandeira dos tecelões, dos odreiros e dos brunidores e o arco dos tanoeiros, entalhadores e escultores no Largo do Chiado. O Largo do Espírito Santo destinou-se ao arco dos homens de negócios, a bandeira dos cerieiros, vestimenteiros e bordadores colocou-se junto da Boa-Hora e a de São José na Rua Nova do Almada. Por sua vez os ourives do ouro fizeram erguer o seu aparato na Moeda Velha e os alemães na Rua Nova, junto ao Arco dos Pregos. Próximo do chafariz dos cavalos os atafoneiros e almocreves executaram as suas armações e em frente à igreja da Conceição foi erguido o arco dos mercadores e aos Livreiros o dos ourives da prata. Aos mercadores de vinhos e fanqueiros destinaram o Largo do Pelourinho para a colocação do seu arco e a bandeira dos alfaiates e armadores foi instalada junto à Rua do Príncipe. A bandeira de São Jorge assina-

<sup>33</sup> OLIVEIRA - *Elementos*...Vol. XII, p. 194.

<sup>34</sup> OLIVEIRA - *Elementos*...Vol. XII, pp. 202-203.

<sup>35</sup> NATIVIDADE - *Fasto do Himeneo*...p. 322. Sobre o mesmo assunto veja-se, ainda, D. António Caetano de Sousa, *História Genealógica*...Tomo VIII, p. 165-166 e *Gazeta de Lisboa*. Lisboa: 17 de Fevereiro de 1729. N.º 7, p. 56.

lava a entrada no Terreiro do Paço, onde se colocaram o arco dos franceses, junto ao Açougue e, fechando este longo percurso, próximo da porta de entrada na Patriarcal, o arco dos espanhóis.<sup>36</sup>

Todas as descrições destes actos são omissas relativamente ao programa arquitectónico e iconográfico do conjunto monumental que constituía o fulcro central das festas. Não conhecemos, portanto, os autores, ou autor, das arquitecturas efémeras, embora saibamos que, por carta do Secretário de Estado ao escrivão da Câmara, datada de 19 de Janeiro de 1732, o Senado terá mandado a Pedro Rocheford<sup>37</sup> todos os desenhos dos arcos que se fizeram para esta efeméride, possivelmente para que fossem dados à estampa. Infelizmente, até ao momento, nada foi encontrado desses desenhos, nem deles se fez qualquer gravura.

Além disso, o programa dos azulejos do claustro da Ordem Terceira de S. Francisco da Bahía, feitos alguns anos depois desta entrada, parece-nos mais um registo de intenções do que a reprodução do que havia sido proposto. Não concordamos com a ideia divulgada, que estas imagens se tenham inspirado nos desenhos de Quillard. Pretendia-se, essencialmente, mostrar Lisboa, sacrário do poder que está distante<sup>38</sup>, engalanada, fantástica, numa espécie de tentativa de impedir a profética transferência do poder da colónia para cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Rendemo-nos, portanto, à curiosa descrição que o cronista, Manuel Coelho da Graça, nos faz, sem os particularizar, desses arcos. Diz ele:

*...Em observância do mesmo edito medieval, mediavão as ruas vinte triumphaes arcos que tinham mandado levantar todos os officios da cidade. Obra de escultura e pintura com várias figuras nas cornijas. E, entre as columnas, que humas erão corinthias e jónias, outras salomónicas e dóricas, se vião folhagens, relevados e figuras de perfeito perfil e architectura, representando em huns a imagem da Fé, a efigie da Esperança, o original da Justiça, e em outros o retrato da África, o typo da Ásia, a idea da América, a estampa da Europa e em muytos a forma da Liberalidade, o modelo da Obediência e a pintura do Amor, com que este reyno deseja agradar, servir e obedecer ao seu Soberano. Todos estes arcos coroavão estandartes de diversas cores (...). Em muytos se lyão enigmáticos lemnas, escritos em curiosas e lavradas tarjas, a quem as tintas mais finas em qualidade com luzida compustura, ou lhes ornavam as molduras preciosas em que se admirava a curiosidade, ou lhes servião*

<sup>36</sup> OLIVEIRA - *Elementos*...Vol. XII, p.210.

<sup>37</sup> *Sua Magestade é servido que o senado mande a Pedro Rocheford todos os desenhos dos arcos que se fizerão nesta corte para a entrada da princeza, nossa senhora: o que V. mercê fará presente ao mesmo senado*, Carta do Secretário de Estado ao escrivão do Senado da Câmara, de 19 de Janeiro de 1732, citada por OLIVEIRA - *Elementos*... Vol. XII, p. 410-411.

<sup>38</sup> MÍNGUEZ CORNELLES, Víctor - *Los Reys distantes, imágenes del poder en el México virreinal*. Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I, 1995. p. 17.

*de transparentes conchas, em que se engastavão. Em outros se vião os escudos das armas das nações, a cuja custa forão fabricados, em alguns se reverenciavão os Santos que cada officio tem por titular, tudo obra de brutesco que fingia preciosas pedras, matizados de filetes e florões de fino ouro (...). Mostrando a nação flamenga, no seu arco, a gentileza de que é dotada. Arrogando os Ingleses, na grandeza do seu obelisco, a fúria com que blazonam e na valentia com que erigirão o seu padrão, mostrarão os italianos a fortaleza de que se dotão...*<sup>39</sup>

## O esplendor da corte barroca

Pela uma da tarde, o séquito, saiu de Belém e organizou-se a entrada pública em Lisboa. Junto ao Convento da Esperança cumpriram-se as formalidades do cerimonial e deu-se início ao cortejo real.

Armaram-se e consertaram-se as ruas, as casas encheram-se de sedas e tapetes adasmacados, adornados com a novidade dos espelhos. Enfim, à grandeza dos particulares, acrescentava-se a riqueza dos arcos, a magnificência dos coches e a indumentária dos participantes. A Corte do *Joanina* passeou-se, com todo o esplendor, por ruas e praças de Lisboa até ao Terreiro do Paço onde se apearam e se dirigiram, debaixo do pálido, levado pelos membros do Senado da Lisboa Ocidental, à Basílica Patriarcal, onde foram recebidos pelo Colégio de Cónegos e o Cardeal Patriarca. Após alguns momentos de oração, o Patriarca, apoiado pelos músicos italianos da Basílica Patriarcal, fizeram entoar o *Te Deum Laudamus*, ao que a família real se recolheu à sala dos Tudescos,<sup>40</sup> no Paço Real.

Os dias que se seguiram, foram tempos de festa popular. Ao pasmo que as montanhas de ouro, e as luzidas galas provocaram em todos os que, passivamente, se deixaram embalar pelas grandezas dos que iam passando pelas ruas e praças, seguiram-se dias de touradas e noites de luminárias e fogos de artifício no Terreiro e no Castelo, enquanto os salões do Paço da Ribeira se enchiam de bela música.

Enfim, ao longo de mais de um mês a Corte de D. João V espraçou por cidades e vilas do Alentejo todo o seu esplendor. As populações viveram intensamente cada um desses momentos. Ruas e praças armaram-se de imponentes obras efémeras, os edifícios já existentes vestiram-se com galas de riqueza, as noites iluminaram-se e abriram-se em luzidas cores, os “Paços” deixaram passar o som de belas músicas, as praças encheram-se de entusiastas corridas de touros e, enfim, as igrejas louvaram a Deus, cantando-se nelas os *Te Deum Laudamus*, celebrando-se missas solenes e distribuindo-se bênçãos pelos jovens noivos.

<sup>39</sup> GRAÇA - *Breve noticia...*p. 6-7.

<sup>40</sup> NATIVIDADE - *Fasto de Himeneo...*p. 325.